

LINGUASAGEM

MANIFESTE-SE: IDENTIDADE E LITERATURA NA AMAZÔNIA

Ana Cleide Vieira Gomes Guimbal de AQUINO¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar a configuração identitária amazônica a partir de algumas particularidades da escrita ficcional do escritor Bruno de Menezes, focalizando principalmente os editoriais-manifestos e os manifestos publicados juntamente com a obra *Maria Dagmar*, inaugural da fase prosaística do autor, para considerações sobre o aspecto de construção arquitetônica do autor. Para o aporte teórico são utilizados os estudos de Bakhtin (2004, 2010), Williams (1979, 2001), Bourdieu (1984, 2007) e Stuart Hall (2006). A literatura de expressão amazônica produzida por Menezes é representada por linguagens-estilo e pela relação ética-estética construída a partir dos manifestos literários apresentados.

Palavras-chave: Gêneros do discurso; Literatura amazônica; Arquitetônica; Manifestos literários. Revista Belem Nova.

Abstract

The objective of this work is to present the Amazonian identity configuration from some particularities of the fictional writing of the writer Bruno de Menezes, focusing mainly on the editorials-manifesto and the manifestos published together with the short-story *Maria Dagmar*, inaugural of the author's prosaistic phase, for considerations on the architectural construction aspect of the author. For theoretical support, studies by Bakhtin (2004, 2010), Williams (1979, 2001), Bourdieu (1984, 2007) and Stuart Hall (2006) are used. The Amazonian expression literature produced by Menezes is represented by style-languages and by the ethical-aesthetic relationship built from the literary manifestos presented.

Keywords: Speech genres; Amazon literature; Architectural; Literary Manifestos. Belem Nova Magazine.

Introdução

Definir discurso literário torna-se tarefa extenuante e inglória, pois ao longo dos séculos várias foram as tentativas de se caracterizar a obra literária como tal, não se chegando a conclusões definitivas. Ao pensar por este ângulo, o discurso literário não se

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA. SLOVO Grupo de Estudos do Discurso (UNESP/FCLAr). ELOS Grupo de Pesquisa (UFRA/CNPq). Academia do Peixe Frito (UNAMA).

forma nem como uma linguagem intrinsecamente diferenciada nem como texto institucionalmente determinado.

Na verdade, uma linguagem que em um determinado período foi considerada pelas instituições como literária em outros períodos pode não ser. Assim como as instituições da época de um determinado escritor podem não considerar sua obra como literária e posteriormente sua obra ser revista e passar a fazer parte do cânone. Desta forma, fica evidente que a obra literária é considerada como tal, segundo preceitos diferenciados em cada momento ou tipo de metodologia utilizada para avaliá-la.

Por ser a literatura considerada uma instituição, sob a ótica discursiva adotada para esse trabalho, não se pode desvincular o estudo do fato literário das noções de cultura abordadas por Raymond Williams (1979, 2001), muito menos das questões que compreendem a concepção dialógica da linguagem, constitutiva da palavra, tal qual compreendido por Mikhail Bakhtin (2004, 2010). Entender a cultura, neste caso, é descrever essas relações e, em decorrência, os esquemas, as instituições, os mecanismos e as forças produzidas no processo prático de sua elaboração.

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas particularidades da escrita ficcional do escritor Bruno de Menezes, focalizando principalmente os editoriais-manifestos e os manifestos publicados juntamente com a obra *Maria Dagmar*, inaugural da fase prosaística do autor, para considerações sobre o aspecto identitário amazônico. Optou-se por focalizar os manifestos e não a primeira obra publicada por Bruno de Menezes, tendo em vista que ele foi um dos diretores da Revista *Belem Nova* e também pela importância que a revista teve enquanto suporte material de divulgação das ideias dos literatos paraenses e por ser escolhida pelo autor para divulgar seu primeiro texto em prosa.

A análise dos manifestos serve para a apreensão dos valores da época e da perspectiva identitária amazônica presente nos mesmos e que ditaram a forma do fazer literário de toda uma época na literatura amazônica produzida no Pará, particularmente a prosa literária produzida por Bruno de Menezes.

O aporte teórico da pesquisa se pauta nos estudos de Bakhtin (2004, 2010), Pierre Bourdieu (1984, 2007), Raymond Williams (1979, 2001) e Stuart Hall (2006).

Do sujeito e sua linguagem

Da moderna literatura no Pará

A revista *Belem Nova*, lançada em Belém do Pará, em 15 de setembro de 1923, com o subtítulo de “Artes e mundanismo”, foi dirigida por Bruno de Menezes e recebia contribuição do grupo *Associação dos Novos*, formada em 1921, por Ernani Vieira, Abguar Bastos, Jacques Flores, Paulo de Oliveira e De Campos Ribeiro. A revista era uma mescla das mais diversas linguagens, entre elas a fotografia, a pintura, a crônica, o cinema, o teatro e a poesia, construindo, pois,

Um longo percurso nas artes amazônicas [que] parecia concluir-se ali [na revista], num trajeto que começou antes, muito antes. No Pará, a história inventou o modernismo e, certamente, o modernismo criou uma certa leitura da história da nação. Se no princípio foi necessário pintar um novo passado amazônico, como na tela inaugural de Theodoro Braga, e com isso firmar uma nova interpretação da Amazônia na história do país, nos anos seguintes, foi imprescindível estabelecer os contornos políticos desse movimento intelectual, no intenso cotidiano de festas e datas cívicas revestidas de cunho literário. O modernismo amazônico, vale dizer, se configurou no rescaldo de tudo isso, com o aprendizado e a indignação dos novos letrados locais (FIGUEIREDO, 2001, p. 190).

A revista era, pois, um veículo de expressão dos literatos do Norte do país, que se consideravam esquecidos pelos que faziam a literatura no Sul do país. As formas encontradas pelos escritores para se expressarem no novo modo de fazer literatura variam entre os gêneros editorial² e manifesto propriamente dito, além do conto, do artigo de crítica literária, entre outros gêneros que compunham o magazine paraense.

É por meio dos manifestos, que constituem “a crítica [literária] coletiva por excelência”, de acordo com Coutinho que “velhos e novos numa ambiciosa empresa literária” sinalizavam “para uma das principais preocupações dos escritores locais: o nacional e o regional na literatura brasileira” (COUTINHO, 2004, v.5, p. 598), e conclamavam novos adeptos ao movimento (FIGUEIREDO, 2001, p. 193-4). Esse gênero expunha a tomada de posição assumida pelos escritores chamados a produzir literatura naquele momento de mudança. Pode-se dizer que “os manifestos são marcos da atividade cultural do início do século. A partir deles, diversas linhas artísticas e intelectuais ganham força” (NUNES, 2003, p. 49).

Do aporte teórico e dos valores ideológicos em análise

Da contribuição de Mikhail Bakhtin

² A pesquisadora Marinilce Coelho usa a denominação editorial-manifesto Cf. COELHO, 2003.

Falar em valor implica tomar um conceito bakhtiniano que se relaciona e se articula com vários outros conceitos ou termos utilizados pelo Círculo como orientação social, avaliação social, horizonte social, expressividade, ou ainda orientação apreciativa, como consta em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2004). Essa noção de valor articula-se e imbrica-se a outras terminologias trabalhadas na teoria bakhtiniana; estas podem ser utilizadas para melhor compreensão da noção. São elas: tom, entonação, tom emocional-volitivo. Desde *Para uma filosofia do ato* (2010), o termo valor já figurava entre as noções abordadas pelo Círculo:

[...] todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do ato: valores científicos, estéticos, políticos (incluídos também os éticos e sociais) e, finalmente, religiosos. Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro (BAKHTIN, 2010, p. 114-5).

No âmbito desta pesquisa, essa noção de valor está diretamente relacionada ao todo arquitetônico da obra de Menezes, vinculada, inclusive, à escolha do gênero de discurso e as relações dialógicas estabelecidas com os manifestos literários em análise. Isso advém da relação entre significação e tema, linguagem e sociedade, o que implica dizer que o diálogo estabelecido entre autor, obra e leitor perpassa pela posição assumida pelo falante em relação ao que é dito. Visualizando desta ótica, estabelece-se a parceria entre locutor e interlocutor, posto que a valoração do enunciado concreto feita por parte do locutor, pressupõe já a resposta presumida do interlocutor. Essa valoração é estabelecida como única e singular, visto que quando se relaciona tema e significação nenhum ato é repetível e as avaliações ou respostas dependem, em primeira instância, das relações sociais criadas entre os protagonistas do discurso, nesse caso, entre autor, herói e interlocutor.

A concepção da linguagem em Bakhtin/Volochínov (2004) é dada por meio da interação social, a linguagem é o produto da interação entre locutor e interlocutor na sua forma mais evidente que é o diálogo, não o diálogo face a face, mas para Bakhtin “diálogo” é mais do que essa interação face a face, significa dizer que a “palavra” procede de alguém e dirige-se para outro alguém. O termo “palavra” para Bakhtin designa um fenômeno ideológico, isto é, está intimamente ligado à realidade e, portanto,

transforma-se em signo ideológico. A palavra bakhtiniana é tanto um signo interior quanto exterior e, portanto, cria-se o fundamento que existe, antes mesmo da interação verbal, uma forma de consciência e que esta é de cunho sociológico.

Nos estudos do Círculo, o enunciado é sempre considerado ideológico, pois “tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 31, grifo do autor). Isso significa dizer que o enunciado sempre se dá em um dos ramos da atividade humana e ele sempre vai expressar uma posição axiológico-valorativa. É a partir dessa vinculação do semiótico com o ideológico que a teoria materialista presente nos estudos do Círculo é construída e que constitui o seu fundamento para os fatos relacionados aos produtos da cultura imaterial e de sua filosofia da cultura

Da contribuição de Raymond Williams

Na elaboração de uma teoria materialista da cultura, Williams (1979) levanta, ao lado do conceito de cultura, as ideias de língua, literatura e ideologia, afirmando que só se pode pensar o que é cultura a partir da reflexão conjunta com esses outros conceitos. Na definição das fronteiras entre o marxismo e a literatura, o autor faz uma revisão dos conceitos da teoria cultural marxista e se estabelece não como marxista, mas sim como um teórico do materialismo cultural que, segundo ele, era uma teoria das especificidades da produção cultural e literária material, dentro do materialismo histórico.

Ao apresentar o conceito de literatura, Williams afirma que

A novidade teórica crucial é o reconhecimento da “literatura” como uma categoria social e histórica, especializada. Deve ser claro que isso não lhe reduz a importância. Exatamente por ser histórica, um conceito-chave de uma importante fase de uma cultura, constitui evidência decisiva de uma forma particular do desenvolvimento social da linguagem (WILLIAMS, 1979, p. 58).

O que se observou, a partir da aplicação dos conceitos elencados, foi que passou a ser desenvolvida uma “literatura do povo”, ainda que esta fosse negada pela tradição literária, numa tentativa de relacionar a literatura à história econômica e social na qual ela foi produzida, criando o conceito de materialismo cultural, que consiste em considerar os produtos da cultura como práticas sociais e, por esta razão, o materialismo cultural preocupa-se em desvendar as condições dessa prática, isto é, os grupos e

movimentos artísticos e intelectuais, de modo geral. Williams sabia que o intelectual não era uma ilha isolada, mas o produto de uma trajetória social, de um determinado processo de socialização, de um conjunto de relações sociais. Nesse sentido, o intelectual jamais deixa de ser, em algum grau, o porta-voz de seu grupo ou classe ou fração de classe.

Da contribuição de Pierre Bourdieu

A gênese e a estrutura das práticas sociais constituem a maior parte das preocupações doutrinárias de Pierre Bourdieu. Procurando superar tanto concepções subjetivistas quanto objetivistas da ação, o autor francês identifica a ação social nas relações entre as estruturas incorporadas de ação, denominadas por ele de *habitus*, e as estruturas objetivas — regras de ação, educação formal, gostos, relações de produção e concorrência — de cada espaço social, os *campos*.

Bourdieu apresenta em *Questões de sociologia* (1984) uma sintética definição de campos como

[...] espaços estruturados de posições (ou postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes [...]. *Há leis gerais dos campos*: campos tão diferentes como o campo da política, o campo da filosofia, o campo da religião possuem leis de funcionamento invariantes (BOURDIEU, 1984, p. 119, grifos do autor).

Assim, um campo é um espaço social onde seus participantes se engajam em relações recíprocas no transcurso de suas atividades, e a passagem citada esclarece que campos muito diferentes entre si (como o da política, o da religião etc.) apresentam propriedades comuns que permitem que se possa falar em leis características desses campos.

A noção de campo comporta três leis gerais (MARTINO, 2005) que se aplicam a qualquer campo:

- reconhecimento de um objeto comum;
- atores que denotem conhecimento das regras do jogo; e
- unidade manifestada por seus agentes contra todo ataque que tente denunciar interesses reais em jogo.

Relacionando o conceito de campo à instituição discursiva, pode-se dizer que no espaço social de uma instituição, nesse caso a literária, o esforço no estabelecimento das representações tem como objetivo final regular não apenas a postura relacional da instituição, mas também organizar, segundo regras de padrões particulares, o espaço interno da instituição, a inculcação de um comportamento padrão a ser seguido, uma espécie de *habitus* literário.

De acordo com Bourdieu (2007), pode-se definir *habitus* como

Sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas (BOURDIEU, 2007, p. 201-2).

Dessa maneira, a vida em sociedade é um aprendizado contínuo da prática social, na qual atitudes, ideias e valores são constantemente interiorizados pelo indivíduo como maneira de agir corretamente.

A incorporação progressiva dessas práticas, como aprender a dirigir um carro, faz com que elas percam a sua condição de *práticas estruturadas* e comecem a parecer *práticas naturais*. O caráter arbitrário do processo de aprendizagem e inculcação submerge diante da ilusão de naturalidade da ação. A passagem da norma para a ação prática cria o hábito dessa ação. Em situações posteriores, o indivíduo tende a agir de uma determinada maneira, sem o cálculo necessário à ação original. O *habitus* torna-se uma espécie de matriz geradora de esquemas de ação e percepção social que, sob a ilusão da naturalidade, parecem ao indivíduo como absolutamente corretos e coerentes.

O estudo do *habitus* está relacionado ao conceito de *ethos*, abordado por Maingueneau (2006, p. 280) para o estudo do discurso literário, posto que o *ethos* parece indissociável de uma “arte de viver”, de uma “maneira global de agir”. No entanto, para Bourdieu (1984)

A noção de *habitus* engloba a noção de *ethos*, e é por isso que emprego cada vez menos essa última noção. Os princípios práticos de classificação que são constitutivos do *habitus* são *indissociavelmente* lógicos e axiológicos, teóricos e práticos (a partir do momento que dizemos branco ou preto, dizemos bem ou mal). Orientando-se para a prática, a lógica prática mobiliza inevitavelmente valores. Foi por isso que abandonei a distinção à qual tive que recorrer uma ou duas vezes, entre *eidós* como sistema de esquemas lógicos e *ethos* como sistemas de esquemas práticos, axiológicos (e isto tanto

mais que compartimentando o *habitus* em dimensões, *ethos*, *eidos*, *hexis*, corremos o risco de reforçar a visão realista que leva a pensar em termos de instâncias separadas). Acresce que todos os princípios de escolha estão incorporados, se tornaram posturas, disposições do corpo: os valores são gestos, maneiras de estar de pé, de andar, de falar. A força do *ethos* e ter-se tornado uma moral que se tornou *hexis*, gesto, postura (BOURDIEU, 1984, p. 139, grifos do autor).

Para Bourdieu, a ação exercida pelo orador sobre seu auditório não é de ordem linguageira, mas social; sua autoridade não depende da imagem de si que ele produz em seu discurso, mas de sua posição social e de suas possibilidades de acesso à palavra oficial. Caminho contrário é percorrido por Maingueneau, para quem o *ethos* é condicionado pela cena de enunciação, conceito não existente no domínio dos estudos bourdieusianos, para quem essa noção se inscreve em uma troca simbólica regada por mecanismos sociais e por posições institucionais exteriores.

Da contribuição de Stuart Hall

O universo dos estudos da instituição discursiva literária, ao trabalhar com o conceito de cultura, práticas culturais e sociais, remete ao conceito de identidade, que se caracteriza por pertencer a um terreno movediço:

A identidade torna-se uma celebração móvel; formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2006, p. 12-3).

Esse conceito está de forma bastante estreita ligada à noção de reconhecimento, de contato com o outro, no contexto bem dialógico, pois reconhecemos nossa identidade a partir de associações que estabelecemos com o outro, com o qual nos identificamos ou não. A questão das identidades pode ser analisada de forma subjetiva individual ou de forma coletiva, quando se trata da questão das culturas nacionais que

são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são

contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2006, p. 50-1).

No caso específico da instituição discursiva literária, pode-se apresentar a identidade integrante da cultura nacional como símbolos ou representação de experiências partilhadas, como continuidade de uma tradição, como invenção de uma tradição, como um mito fundador — que seria talvez o aspecto mais comum no que diz respeito à Literatura amazônica —, como ideia de um povo puro e original.

Esses aspectos apresentados que fazem parte das interpretações em torno da concepção de cultura nacional, devem levar em conta que

Tal como se deseja transmitir aos filhos os valores e a cultura do passado intactos, assim também se espera transmitir-lhes a herança da língua. (...) e é por isso que a língua é um desafio tamanho no conflito das gerações tanto quanto no das classes sociais (YAGUELLO, 2001, p. 280).

Por esse contexto da relação entre língua, literatura e identidade que se optou por analisar os manifestos selecionados, para a configuração dessa identidade literária amazônica, visto que o primeiro texto em prosa (*Maria Dagmar*) do escritor foi veiculado na revista *Belém Nova* e que os manifestos servirão para a constituição de sua arquitetura, bem como o seu agir no mundo. Desta forma, iremos apresentar os manifestos publicados³ na revista nos mesmos números que veicularam a novela do escritor paraense. Essa relação serve para compreendermos o posicionamento enunciativo do autor que também era um dos diretores da *Belem Nova*.

Dos manifestos literários e o projeto enunciativo do autor

A partir da leitura do primeiro editorial, percebe-se a apreensão da literatura como prática artística e política, pois o espaço enunciativo do “Portico” permite ao autor-criador expor de modo direto e indireto sua teoria estética, além de atacar seus adversários. Conjugava, portanto, a luta pela liberdade da arte e pela conquista de um público leitor mesmo estando a revista envolvida por uma tensão entre a proposta estética de renovação e a oposição conservadora em uma literatura arraigada aos moldes europeus.

³ Optou-se por manter a mesma grafia da época para apresentação dos manifestos e editoriais publicados na revista *Belem Nova*.

Portico⁴

Índice fundamental na trama physiologica dos seres animados, nos aglomerados humanos, nos grupos intelligentemente organizados a reacção caracteriza o mais alto clímax da vitalidade. O organismo que reage vive, nem que seja numa só remota cellula obscura.

E' reacção, e reacção corajosa, e reacção fecunda a iniciativa desses moços que resolveram crear uma publicação de litteratura e de arte, entre nós, nestes dias de tão desalentadora estagnação mental. Não flammejasse no seu peito a chamma do mais puro idealismo, não cerrassem elles os olhos, illuminados de chromatismos celestes, ao desolador espectáculo ambiente, e desfalleceriam, escrevisados á feroz dogmatização burgueza e á pífia indiferença da mentalidade androgyna. Pulando na arena, dispostos aos prélios mais violentos, hão de vencer com aquella virtude, a que o pensador germanico capitulou de <<faculdade apollinea>> e que consiste no privilegio de arrancar luz e imagens do ambiente tenebroso da vida real...

Que <<avancem silenciosos e cheios de audacia>> como os gregos de Homero, decididos a esmagar a horda bravia dos troianos.

Duas virtudes possuem-nas, opulentas, os fundadores desta revista: — fantasia e intrepidez juvenil... Corressem arredios da vida múltipla e exhaustiva, para embrutecedora segregação cenobial ou, se engolphassem na multidão alvar dos bailrinos hystericos e Álvares, e passariam inuteis e apagados como os mais solidos e exemplares da carneirada burguezia. Não. Têm mocidade... Tem, sobretudo, phantasia, sem a qual, consoante Benedetto Croce <<nenhuma parte da natureza é bella...>>

Surgem, entretanto, modestos. Seu programma é discreto. Poderiam, com audacia da presumpção cega, impôr-se a reconstrucção do edificil nacional, desde a humilde actividade agrícola até ás supremas directrizes mentaes... Poderiam reclamar odes loucas ao calamos atrevido, brandindo-o como gládio de humilhação a uma tyrannia invisível e de regeneração do character universal... E seriam ridiculos... Talvez heroicos no seu reles e esteril quixotismo, mas ridiculos a valer.

Estes meus esclarecidos confrades da <<Belem Nova>> comprehendem que a vida, por mais bella e mais fascinante que se afigure á visão dos optimistas, não vale a pena viver-a sem amor e sem poesia...

Não é pessimismo... Nem Heraclito, nem Leopardi, nem Antonio Nobre, que chorava, coitado, esses rudes e grandes azares nestes versos doentes,

E a vida foi, e é assim, e não melhora...

Esfôrço inútil... Tudo é em vão!

E' preciso, enquanto vae, lá fora o tropel dos barbaros de Atila e sobre a nossa cabeça crucitam os corvos fataes, quebrar a aspereza dos formalismos exigentes, dos estatutos inflexíveis com o rythmo da Lyra de ouro da Poesia...

Os legionarios da <<Belem Nova>> intelligentes, corajosos, tenazes, percebem que a nossa actividade intellectual vae, molle e flacida, deperecendo... Lê-se, estuda-se... Mas, cada um para seu lado, egoista,

⁴ SILVA, Severino. Portico. **Belem Nova**. Belém, n.1, s/p, 15 set. 1923.

desalentado, ou desencantado, vive a existencia improductivas das Tubaras.

Ha, entretanto, muita intelligencia vigorosa e exhuberancia de cultura. Falta cohesão, affinidade, sympathia...

E, reagindo, energicos, contra essa vergonhosa atonia, contra essa extenuação aparente, contra esse egoísmo vil, ou melancolia de lutadores desilludidos, os creadores da <<Belem Nova>> trazem uma affirmação de vitalidade regeneradora... Não são culteranistas, não são arcadistas, não embocam a tuba do *dulce stil nuovo*... São um troço de jovens de talento, que cantam e mergulham os olhos no céu, enquanto uma dolorosa mocidade de botequins e de alcouces afocinha na lama bastarda das paixões vorazes...

Meus cordiaes companheiros! As rãs de Aristophanes entram, já, de coaxar no Paul de sua maledicência; os zoilos atordoam o espaço com o ganido da inveja infeliz; quadrupedes preciosos, de orelhas empinadas e patas potentes, nitrem o seu rincho desesperado, e desabalam em carreira louca...

Mas, vós não vos detereis... Para a frente e para cima! E, como Tyrteu, obscuro e feio, com a sua musa alcandorada e amiga, inspirou sympathia e heroísmo aos espartanos bellazes, vós despertareis os poetas silenciosos e os prosadores enervados, para vos ajudarem... E receberéis louvores e bênçãos de todas as almas em que vasastes o philtro precioso da Poesia e da Illusão. (SEVERINO SILVA⁵)

Na leitura do editorial escrito por Severino Silva, percebe-se o quanto ele está consciente desse espaço enunciativo que é a *Belem Nova*, como lugar de fortalecer as posições do grupo da revista, caracterizado por um “habitus” revolucionário. No referido editorial, Severino Silva apresenta como “reacção corajosa e reacção fecunda” a maneira que o Grupo *Associação dos Novos* do Pará encontrou ao “crear uma publicação de litteratura e arte”, a revista *Belem Nova*, visto que o momento cultural comungado pelos escritores da época era de “desalentadora estagnação mental”.

Apesar dos infortúnios do momento cultural, o grupo de Bruno de Menezes, dentre os partícipes estreantes nas letras paraenses, surgiu de maneira sutil, mas convergiam para si duas “virtudes” singulares, que foram como verdadeiras pilastras para a sustentação do empreendimento literário a que se propunham, eram elas “fantasia e intrepidez juvenil”, para seu maior intento que consistia na “reconstrucção do edificil

⁵ “Veio do Rio Grande do Norte para Belém moço ainda e, após notável (*sic.*) tirocinio, obteve o diploma de bacharel pela Faculdade de Direito do Estado. Exerceu na capital o cargo de redator da “Folha do Norte” e do “República”, onde a sua atuação foi de realce, tendo sido também deputado estadual, no govêrno (*sic.*) do dr. Sousa Castro. É poeta, prosador e tribuno fluente. Num concurso literário, em 1910, no Pará, deram-lhe o título de “príncipe dos poetas paraenses”, da geração de 1910-1920. Publicou apenas dois livros, até sair do Pará para o Rio de Janeiro: “Poemas de um triste”, sua estréia (*sic.*) em Natal, 1906; e em 1928, “Senhores e escravos”, conferências, ensaios de crítica, artigos filosóficos, etc., livro de erudição que, por si só, firma a reputação de um escritor. Severino Silva é fervoroso adepto da doutrina evangélica, setário, portanto, do protestantismo, e por êle se bate, convicto, como um dos seus ilustres pastores” Cf. AZEVEDO, 1990, p. 115-6, Op. Cit.

nacional”, contrapondo-se aos modelos europeus de fazer literatura, isto é, “a uma tyrannia invisível e de regeneração do character universal”, conclamando que a “vida, por mais bella e mais fascinante que se afigure [...] não vale a pena viver-a sem amor e sem poesia...”.

É a partir dessa configuração da luta que o editorial apresenta as características de *Belem Nova* tanto no que diz respeito aos seus organizadores quanto aos seus oponentes, enfatizando sua reação enérgica “contra essa vergonhosa atonia, contra essa extenuação aparente, contra esse egoísmo vil, ou melancolia de lutadores desiludidos”. Indo em direção a esse “egoísmo vil” os anseios dos “jovens de talento” que compunham a revista era como um coro coletivo.

Dessa forma, *Belem Nova* estava no espaço de luta contra uma literatura estagnada, e lutava também contra os “zoilos [que] atordoam o espaço com o ganido da inveja”, os quais, neste contexto, seriam os críticos invejosos, pessoas das letras, contrárias ao empreendimento do grupo de *Belem Nova*.

É desta forma que se institui o espaço enunciativo da revista, na apresentação de seu primeiro editorial, considerado um manifesto, construído de forma híbrida, que une o literário e o político, num cronotopo que pretendia instituir a mudança e não mais o tempo do fazer literário tradicional, essa configuração deveria ser modificada e deveria ser instaurado um novo tempo, um novo modo de fazer literatura. Essa mudança no “cronotopo” seria estabelecida na topografia do aqui, do regional, que não seria mais a cópia do fazer europeu, mas que seria construída nas condições de enunciação que os próprios escritores vivenciavam e não as copiadas de outra realidade que não a deles.

Belem Nova foi o anseio materializado dos literatos do Norte. O Modernismo, que estava brotando no Pará, recebeu grande força com a publicação da revista, que era a junção do passado e do futuro ao mesmo tempo. Apesar de ter textos, em sua grande maioria, voltados para a nova literatura que estava sendo feita também no resto do país, possuía textos que conjugava elementos de estéticas literárias diversas, como a novela *Maria Dagmar*, cujas características mantêm a presença do romantismo e do realismo em suas páginas. Essa atitude de unir passado e futuro parece um paradoxo, que pode muito bem ser resolvido, como já foi dito, no “habitus” revolucionário dos escritores dos manifestos, ou seja, no conjunto de códigos que regem as condutas dos agentes sociais e que, muitas vezes, assumem um caráter inconsciente. Os escritores se utilizavam da tradição e da renovação (modernidade) juntas para definir um novo espaço discursivo, uma nova identidade enunciativa no campo literário da época,

designado como instante da beleza, invocando várias vezes “Renovação! Renovação! Renovação!”.

O manifesto da Belleza⁶

Francisco Galvão, o festejado autor de “Victoria Regia”, vibrando num entusiasmo de renovação da beleza esthetica, escreveu o brilhante manifesto que estampamos nestas columnas.

Nós estamos no instante da Belleza.

Rolaram por terra os falsos ídolos.

Nós não consentimos mais no assalto vandático dos barbaros — os que procuravam mentir a Arte, encarcerando-a nos muros estreitos da Fórma.

A Arte venceu o Artificio.

Todo aquelle que atraiçoar a Belleza será castigado pela sua infamia criminosa.

Porque nós sabemos affastar o joio do trigo, o oiro da prata, o alumínio do cobre, a platina do estanho.

Os “ourives” do verbo passaram.

Foram-se os realistas sanguinolentos.

A Arte não admite cerceamento.

Anceia e quer Liberdade.

Um idéia não póde estar presa nos quatorze versos de um soneto parnasiano.

Não.

Nem uma symetria paralela de rimas raras e ricas, como apregôam os bufarinheiros do artificio.

Não e não.

Nós compreendemos a grandeza da nossa missão.

O Brasil adquiriu a liberdade dos escravos; teve a democracia como fôrma de governo.

Mas a Litteratura estava entregue ao contrabando criminoso de PIVETTES nacionaes.

Copiava-se Bourget, imitava-se Zola, plagiava-se Alexandre Dumas.

Todo mundo plagiava.

Todo.

A poesia é a mesma da França!

Vinha-nos de Paris directamente.

De Castro Alves a Alberto de Oliveira.

Do condoreirismo inquieto das <<ESPUMAS FLUCTUANTES>> ao parnasianismo régio, engommado das <<MERIDIONAES>>.

Estamos no instante luminoso da Belleza.

Chegou o momento da Liberdade!

Nós estamos fazendo a Arte verdadeira, a Arte-Arte.

Não copiamos e não plagiamos.

Guerra de morte aos pastranos, aos nullos de toda a especie.

Nós estamos realizando a Arte Legitima.

São Paulo está com as nossas idéas.

“KLAXON” é um grito de revolta na amplidão.

Graça Aranha, na academia, como Augusto de Lima, estão vibrando com a Mocidade.

⁶ GALVÃO, Francisco. O manifesto da beleza. **Belém Nova**. Belém, n.2, s/p, 30 set. 1923.

Renovação !

Nós temos ao nosso lado a intelligencia luminosa de Ronald de Carvalho, a operosidade brilhante de Almachio Diniz, a encantadora erudição de Renato de Almeida.

Renovação !

Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Mario de Andrade, Affonso Schmidt e outros, vibram ao nosso lado.

Renovação !

Ângelus, Di Cavalcanti, Correia Dias, Cunha Barros, Paim, Buecherét, na Pintura e na Escultura, estão sob a nossa bandeira.

Renovação !

Na Musica, possuímos Villa Lobos.

Renovação !

Paulo Torres, Carlos Fontes, Oswaldo Orico, Onestaldo Pennafort, Jarbas Andréa, Olegario Marianno, Zolachio Diniz, Carlos Drummond, Sergio Buarque de Hollanda, Teixeira Soares, Carlos Lobo de Oliveira, além de outros, estão vibrando em nome da Arte Nova !

Renovação !

Guerra sem tréguas aos imitadores!

A Arte venceu o Artificio.

Renovação !

A Belleza, para o sempre a Belleza, a embriaguez deliciosa da Belleza.

Nós vencemos em nome da Belleza.

Nós somos a força e a renovação do Brasil, do Brasil que aspira e quer a victoria da Belleza.

Meus irmãos de Arte, ovelhas pacientes que vos apascentaes ainda aos rebanhos, pelas planuras aridas do Parnasianismo, desgarrae-vos em nome da Belleza.

Vinde ter ao nosso chamado.

Porque nós estamos fazendo a grande obra da criação de uma Arte puramente nossa, verdadeiramente nacional, dentro dos limites da Belleza.

Renovação !

Renovação !

Renovação !

Numa tarde cheia de sol, em Setembro de 1923.

No manifesto acima, escrito por Francisco Galvão⁷, percebe-se que a instauração de luta continua se construindo, o leitor é chamado a ocupar seu lugar também na luta, fosse como homem comum ou como homem produtor de literatura, o que não fica claro na materialidade linguística que aponta para as duas possibilidades a partir do vocativo

⁷ “Francisco Galvão [1906-1948], ex-deputado estadual do Amazonas, jornalista, escritor e romancista, publicou no primeiro número do periódico [Cultura Popular, em 1940] um artigo relacionando os problemas locais e a redenção amazônica que o governo Vargas iria proporcionar, além da valorização do elemento regional, agora um herói por ter anexado o Acre ao território brasileiro no início do século” Cf. ANDRADE, Rômulo de Paula. (2010). “Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar floresta”: Getúlio Vargas e a revista “Cultura Política” redescobrem a Amazônia (1940-1941). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 5 (2), 453-468. Acessado 02 jun 2021. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222010000200015&Ing=eng&tlng=pt.10.1590/S1981-81222010000200015

“Meus irmãos de Arte” e mais ainda pela interpelação “Vinde ter ao nosso chamado”. Dessa forma, os literatos paraenses compreendiam o grande momento que estavam vivenciando, a grande “missão” que tinham que enfrentar, não apenas no campo literário, mas no campo sociopolítico e cultural de modo geral, visto que, assim como “o Brasil adquiriu a liberdade dos escravos; teve a democracia como fórmula de governo”, a literatura precisava de liberdade, mas ela ainda “estava entregue ao contrabando criminoso de PIVETTES nacionais”.

Em uma típica atitude de intelectual daquele momento, o autor do manifesto desdobrava-se numa acirrada crítica à poesia nacional, que se configurava como plágio, na qual “todo mundo plagiava”, evidenciando, dessa forma, a crítica à poesia feita aos moldes europeus, afirmando que “a poesia é a mesma da França” e que era necessário assumir uma atitude de mudança, reivindicar para o movimento modernista valores estéticos e literários presentes na cultura brasileira. Esses exemplos evidenciam mais ainda o tempo que a revista constrói. Um tempo da juventude, da mocidade, do novo, que se opõe ao que é velho, tradicional, ao que se repete. O autor-criador do manifesto aponta o oponente, que pode ser melhor percebido no editorial “Para a frente”.

No que diz respeito ao manifesto “Para a frente”, transcrito abaixo, sua escrita se refere à sobrevivência da revista *Belem Nova*, em meio a tantos problemas, seja de ordem literária, política ou mesmo econômica, e aos intercâmbios literários feitos com escritores de outros estados, principalmente os da região nordeste do país.

Para a frente!⁸

Nesta encantadora terra guajarina, tremendo o arduo batalhar, que exige vigorosas sommas de energias, é esse de dar publicidade a uma revista de artes e literatura.

Terra ensoalhada e farta, seducvente pela sua natureza fecunda, neste privilegiado pedaço do norte, é até irrisório que as coisas do espirito e da intelligencia se dessorrem e quebrantem, ante a manifesta indiferença com que as recebe o publico.

Verdade é que atravessamos o momento mais perigoso e ingrato para tentativas de Bellas Lettras; momento em que as energias se corrompem no degladiar de ambições, e em que o proprio artista, — o divino iluminado, — manifesta-se o <<espirito pratico>> do yankee.

E outra não é, entre nós, a causa dessa amalgama de tantos, desnorteantes e aberrativos *credos litterarios* que, vistosos e frageis cogumelos, repontam dia a dia, em graciosas e ephemerass pollulações...

Nos Estados do Sul, onde alguma coisa se lê e há um natural e louvavel orgulho em valorizar as publicações regionaes, —é flagrante

⁸ MENEZES, Bruno de. Para a frente. *Belem Nova*. Belém, n.4, s/p, 31 out. 1923.

o domínio de uma forte corrente intellectual, semeadora do bom gosto esthetico.

Mas, neste recanto tropical, neste Estado democrata e florescente, qual a victoriosa affirmativa do predominio dos que lêem e até dos que escrevem, sobre os outros que vivem nedios, felizes, lendo apenas os matutinos e os libretos, por um principio de bôa e facil digestão !...

Estamos no momento em que mais nos preocupamos com as oscillações do cambio, do que com letras de forma...

Felizmente, porem, esta infatigavel e luctadora BELEM NOVA, vem realizando o milagre de interessar certo numero de leitores.

Sentimos que um gesto de franca sympathia começa de se voltar para o nosso lado; temos o intimo presentimento de ir agradando, cada vez mais.

E' a justa recompensa ao nosso esforço, o premio à nossa tenacidade em proseguir, pugnando pelo levantamento das letras nortistas.

E' que os espiritos caldeados em rijas temperas, tenazes e arremêssivos, alem de um formidavel feixe de vibrações sympathicas, communicam, por meio de fluidos attrahentes, àquelles que os circundam, as invisiveis correntes do *querer*.

E nós, sobre tudo, havemos de saber *querer*.

Ensurdeça a grita estulta dos frustes e levianos; siflem, escurejantes, os dardos de seus malagouros escarninhos, - BELEM NOVA ha de ir vencendo, ha de ir ganhando terreno passo a passo, sem estardalhaços nem vanglorias, até attingir o Ideal culminado.

Tudo, até agora, é de molde a nos fazer nutrir esta suave esperanza.

O intercambio intellectual que iniciamos com os confrades de outros Estados, consagrados escriptores e publicistas, está definitivamente firmado; o que podemos contar de altamente illustre entre os homens de letras que aqui vivem, està fazendo parte do nosso selecto corpo de colaboradores. Emfim: BELEM NOVA venceu!

Venceu, porque, num meio safaro e quase hostile à litteratura do magazine, meio em que as proprias revistas do Rio são compradas, na maior parte, exclusivamente, por uma *élite* intellectual, este 4.º numero de BELEM NOVA, que entra hoje em circulaçãõ, representa, de certo modo, um surto de victoria e é a prova segura e incontestavel de que, serenos e inflexiveis, vamos palmilhando a nossa estrada espinhosa e longa, sem mostras de enfraquecimento, e cheios de encorajante certeza de vencer.

Nesse editorial escrito pelo diretor de *Belem Nova*, o escritor Bruno de Menezes, pode-se perceber seu entusiasmo ao “dar publicidade a uma revista de artes e litteratura”, nessa terra, que apesar de ter vida “farta, seducçente pela sua natureza”, opera em direções contrárias em outros aspectos, principalmente “as coisas do espirito e da intelligencia” que são deixadas de lado e tratadas com indiferença pelo público paraense. Essa indiferença é expressa pelo autor-criador também em relação aos seus oponentes, que, de acordo com a seleção vocabular os caracteriza como “nedios” e “levianos”, mas como o momento para a produção intellectual era “perigoso e ingrato”, no qual o artista, denominado de “divino iluminado” deveria agir de forma prática e

cuidadosa, não se deixando corromper pela ambição, apenas somando energias junto aos outros que se demonstrassem hábeis em produzir uma literatura efetivamente nova, o autor afirma a cautela com a qual deveriam agir aqueles que sentissem a qualificação para produzir no espaço enunciativo da nova literatura.

Pela seleção vocabular utilizada nos exemplos retirados do manifesto sob análise percebe-se também a tomada de posição assumida pela revista, uma posição contrária ao que se apresentava até então no campo literário. No entanto, o público continuava indiferente, por isso a voz enunciativa do manifesto “Para a frente” se insurge contra esse oponente do grupo que compõe *Belém Nova*, conclamando outros escritores que pudessem colaborar nessa tarefa. Esse perfil colaborativo pode ser percebido na materialidade linguística de uso da 1ª ou 3ª pessoa por parte do autor-criador do manifesto. Severino Silva, que produziu o “Portico”, utiliza-se tanto da 1ª quanto da 3ª pessoa, “E’ reacção, e reacção corajosa, e reacção fecunda a iniciativa **desses moços** que resolveram crear uma publicação de litteratura e de arte”, “Duas virtudes possuemas, opulentas, **os fundadores** desta revista”. Apesar de usar também a 1ª pessoa, isso não se caracteriza como se o autor fosse pertencente ao grupo dos novos, mas apenas como alguém chamado a produzir no mesmo espaço enunciativo, que tivesse a mesma identidade enunciativa adotada pelo grupo, que naquele momento ansiava por mudança: “entre **nós**, nestes dias de tão desalentadora estagnação mental”, e ainda, “E’ preciso, enquanto vae, lá fora o tropel dos barbaros de Atila e sobre a **nossa** cabeça crucitam os corvos fataes, quebrar a aspereza dos formalismos exigentes, dos estatutos inflexíveis com o rythmo da Lyra de ouro da Poesia...” (SILVA, **Belem Nova**, n.1, [s.p], 1923, grifo nosso). Essa alternância entre o uso da 1ª e 3ª pessoa pode ser índice de que o autor não fizesse parte do grupo *Associação dos Novos* – observe-se que o único que utiliza a 3ª pessoa é Severino Silva, que de fato não pertenceu ao “Grupo dos Novos” –, mas fica claro que era simpatizante do mesmo propósito defendido pelo grupo.

O uso da 3ª pessoa, nos manifestos selecionados para análise, fica limitado ao “Portico”, pois, nos demais manifestos e editoriais, percebe-se a participação dos enunciadores no mesmo grupo de Bruno de Menezes, a *Associação dos Novos*, como se pode verificar no editorial “Uma reacção necessaria”.

Uma reacção necessaria⁹

⁹ MENEZES, Bruno de. Uma reacção necessaria. **Belem Nova**. Belém, n.5, s/p, 10 nov. 1923.

De há dois annos pra cá, em todo o Brasil, de norte a sul, nota-se como que uma endomose de concepção e sentimento, revolucionando as artes e as letras.

A mocidade de agora, a par de uma instrucção meticulosa e polyformica, acceita e pratica os desportos em todas as suas modalidades, tornando-se homens de talento, fortes e resolutos, aptos, portanto, aos embates da Vida, — que se sentem manietados num meio que ainda não se desvencilhou dos moldes preferidos pelos nossos antepassados. E é por isso que uma tarandula de novos Apollos que dedilham lyras, onde lucejam novas harmonias e novos metros, ajustados a uma Arte moderna, hasteou no mastaréo das letras, desassombradamente, a bandeira rubra do futurismo.

E' uma hoste dextra e aguerrida que se propõe, dando guerra aos lyricos e néo-parnasianos, firmar neste Mundo Novo uma nova escola litteraria. Dahi essa plethora de Iniciados que se desdobram, congestionando as casas editoras, em dar á luz da publicidade livros e mais livros, cada qual mais abstruso, mais divorciado das antigas regras, extravagantes uns, enigmaticos outros, porém, todos attestando o valor intellectual de seus procreadores.

Haja vistas para a bizarra Paulicéa que, parece-nos, é a séde onde pontifica essa pletade de reformadores. E' lá que Monteiro Lobato, qual outro Fernão Dias Paes Leme, dono que é de uma bem montada casa editora, encoraja a mocidade, injectando-lhe sangue novo, imprimindo as suas producções.

Nós, os de a BELEM-NOVA, somos daquelles que pensam, inimigo que hemos sido do archaismo, ser chegado o momento de predominar no Brasil uma outra Arte, isenta de modelos estrangeiros, livre de imitações escolasticas, independente no sentido lato da palavra, - regional – plasmando a vitalidade de uma raça.

Se o que vemos, a cada instante, atulhando as prateleiras das livrarias, não é a realidade almejada, ainda não preenche a lacuna que o novo Ideal culmina, dá-nos, comtudo, a satisfacção de que muito se há feito para libertar-nos desse feio vicio de copiar o que é alheio.

E por essa razão a BELEM-NOVA, triumphadora no seu tentamen, dá guarida em as suas columnas a gregos e troyanos – novos e velhos – até que desta Babel de pensamentos surja a escola de que carecemos.

E' uma reacção necessaria.

A partir dos enunciados “a satisfacção de que muito se há feito para libertar-nos desse feio vicio de copiar o que é alheio” (MENEZES, **Belem Nova**, n.5, [s.p], 1923, grifo nosso), e mais ainda “Nós, os de a BELEM-NOVA” (MENEZES, **Belem Nova**, n.5, [s.p], 1923, grifo nosso), pode-se perceber que o uso da 1ª pessoa reflete o pertencimento ao grupo, aos propósitos da revista, cuja configuração continuava sendo de luta, luta contra a cópia aos modelos europeus, luta para se firmar nesse campo literário que desejava o novo, que encorajava a mocidade a produzir, mesmo que fosse ao lado dos “velhos” produtores de literatura, o que já foi dito, poderia constituir um paradoxo, mas que “por essa razão a BELEM-NOVA, triumphadora no seu tentamen, dá guarida em as suas columnas a gregos e troyanos – novos e velhos – até que desta

Babel de pensamentos surja a escola de que carecemos”. Até que a batalha fosse vencida, novos e velhos conviveriam juntos, para construir, juntos também a identidade enunciativa daquele tempo.

A simples existência da revista já era uma batalha vencida, e logo vieram outras, como a aceitação da crítica e a sedução de certo número de leitores e de colaboradores. Foi nesse ambiente de aceitação, seguindo os mesmos passos dos outros manifestos que surgiam no resto do país, que Abguar Bastos¹⁰, lança um novo manifesto nas páginas de *Belem Nova*.

A' GERAÇÃO QUE SURGE¹¹

Mocidade:

E' chegada para o Norte brasileiro a hora extraordinaria de seu levantamento.

Ergamo-nos !

Seja o Pará o baluarte da liberdade nortista !

Cangloremos trompas de oiro para o rebate da Ressurreição !

Cangloremos !

O Sul, propositamente, se esquece de nós.

A Literatura equatorial é uma historia de mythologia que se anda a contar nos corredores da Academia Brasileira.

O Norte tem poder, tem força, tem filhos guerreiros e filhos altruístas !

O Norte tem os seus genios, os seus esthetas, os seus cientistas, os seus philosophos !

O Norte é dynamica ! E' temperamento ! E' vibração “ E' intellectualidade.

Ergamo-nos !

Creemos a ACADEMIA BRASILEIRA DO NORTE !

Façamos os nossos *immortaes*; coroemos os nossos príncipes de Arte; estabeleçamos concorrência; analysemos os valores !

Publiquem-se livros ! Movimentemos as estantes.

Que Bahia, Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte, Parahyba, Ceará, Maranhão e Amazonas, se unam, se fraternizem para o apoio da nossa Renascença!

Que o intercâmbio entre esses Estados seja um facto nacional!

Mocidade:

Tendes uma academia do Direito, uma academia onde o talento faz o seu lar!

¹⁰ “Este fêz parte do ruidoso grupo ‘Associação dos Novos’ e chegou mesmo a escrever versos de difícil percepção para as almas simples [...]. Era a fase das grandes novidades literárias, dos futuristas, dos antropofagos, dos plasmadores da ‘brasilidade’... africanista, e o nosso Abguar foi na onda da escola ultra moderna, sucessores dos nefilibatas de 1895...[Aqui ele se refere ao grupo denominado Mina literária, também do Para, e do qual, Abguar fez parte]. Melhor orientado, porém, e abandonando a sua musa abstrata tornou-se romancista. Melhorando o estilo, deixando-se de nebulosidades e não querendo mais ser o assombro do mundo, escreveu ‘Terra de Icamíaba’ e ‘Certos caminhos do Mundo’, dois livros que o honram. Enfileirou-se ao grupo de José Américo, Romeu de Avelar, Aurélio Pinheiro e outros vanguardistas e cruzados do romance moderno, tornando-se assim um novelista de pulso firme e de visão segura, sem os exageros primitivos, *pour epater*... O seu terceiro livro, ‘A Selva’, veio confirmar os seus méritos de romancista de linha” Cf. AZEVEDO, 1990, p. 154. Op. Cit.

¹¹ BASTOS, Abguar. À geração que surge. **Belem Nova**. Belém, n.5, s/p, 10 nov. 1923.

Que essa academia seja torre de marfim do nosso principio de solidificação!
Os mestres serão os Palinuros!
Os mestres serão os Sacerdotes!
Os mestres serão os Medices!
O Norte precisa ser brasileiro!
Unamo-nos.
A união faz a Força!
A Força faz a Vontade!
A Vontade é o predomínio!
Libertemo-nos! Mostremos aos anemicos de iniciativa, de patriotismo, de actividade, que o Norte pôde ter a sua Literatura!
Creemos a ACADEMIA BRASILEIRA DO NORTE.
Sagremos e immortalizemos!
Façamos concursos interestaduaes.
Movimentemos as Livrarias.

Nesse manifesto é latente o desagrado do grupo de *Belem Nova* em relação aos escritores do Sul do país que, segundo o escritor, se esqueciam dos escritores do Norte, que é uma região que “tem força, tem filhos guerreiros e filhos altruístas!”, uma região que “tem os seus genios, os seus estetas, os seus cientistas, os seus philosophos!”. Esse total descaso com a literatura produzida no Norte era uma afronta para todos os que se empenhavam em produzir uma literatura nacional e regional, por isso, Abguar Bastos, em seu manifesto de cunho altamente político, conclama de dentro do campo literário: “Creemos a ACADEMIA BRASILEIRA DO NORTE!”.

A construção de luta se estabelece com a presença de um novo oponente: o Sul. Mesmo tendo vencido a primeira parte da batalha com o estabelecimento da revista, a aceitação do público etc., o grupo do Pará deveria se estabelecer no cenário nacional, ao lado de outros Estados, considerados ícones na produção literária brasileira. Vencer essa nova luta não seria fácil, e o Pará foi considerado “o baluarte da liberdade nortista”.

Unindo claramente o campo literário e o campo político, Abguar Bastos usa de metáforas como se percebe em “Libertemo-nos! Mostremos aos anemicos de iniciativa [...] que o Norte pôde ter sua literatura”. Esse enunciado está vinculado ao campo literário, com a analogia feita entre os produtores de literatura a seres anêmicos, sem vida, sem produção, entregues à “desalentadora estagnação mental”, como foi exposto no editorial “Portico”. No que diz respeito ao campo político, é usada pela primeira vez na seleção vocabular dessa cena genérica a palavra “patriotismo”. Esse senso patriótico, também era percebido “no intercambio entre outros Estados”, que se constituía como “um fato nacional”, uma típica estratégia política de aliança trazida para o campo literário, pois de acordo com o estudioso José Ribamar Freire (2003), ao falar sobre

língua geral na Amazônia, considerando-a esquecida por parte de alguns, ele afirma que “a produção literária [principalmente da época do Modernismo] valorizou a língua como elemento de identidade nacional” (FREIRE, 2003, p. 202).

Não há ligações estreitas entre o uso da língua geral e os propósitos da revista *Belem Nova*, nem ao que se refere aos textos em prosa literária do escritor Bruno de Menezes. No entanto, de forma indireta, percebe-se a utilização da língua geral e que, por essas razões, faz-se necessária a discussão desse elemento e de sua importância para o modernismo e também para outras estéticas, em especial, a literatura de expressão amazônica. Anteriormente, foi apresentado um manifesto de Abguar Bastos, chamado “À geração que surge”, que divulga as ideias modernistas dos escritores da região Norte, enfatizando que “O Norte precisa ser brasileiro”. Diante dessa apropriação da brasilidade e também do viés amazônico, Bastos publica em número posterior na revista *Belém Nova*, um manifesto denominado *Flami-n’-assú*, título escrito em tupi, que significa “grande chama”. A pretensão com o referido manifesto era tanto combater os representantes do passadismo literário que ainda imperava na região, bem como conclamar os intelectuais paraenses para o movimento das ideias renovadoras iniciadas na capital paulista e que, no contexto paraense amazônico ganharia feições próprias de acordo com as peculiaridades da natureza local.

A revista *Belem Nova* estabeleceu mudanças decisivas na cultura literária amazônica enquanto origem e produto de uma nova configuração das letras na região Norte, especificamente no Pará e serviu como meio para que os autores locais compreendessem o que de fato estava acontecendo no universo literário, nas artes e na história social do país. Desta forma, tal como apresentado por Freire (2003), “o imaginário da língua se sustenta na existência de um conjunto de obras que contribuem para lhe proporcionar coesão e que as manifestações literárias desempenham um papel capital na delimitação social das línguas” (FREIRE, 2003, p.204). Unindo campo literário e campo político nesse “cronotopo” de mudança, de novos tempos, da literatura local, a literatura produzida no Pará, as palavras de ordem eram “para a frente”, “para a frente e para cima”, incentivando os escritores a produzir, para, desta forma, serem merecedores do capital simbólico a que estavam destinados, que “E’ a justa recompensa ao nosso esforço, o prêmio à nossa tenacidade em prosseguir, pugnando pelo levantamento das letras nortistas”. Esse capital simbólico só poderá ser alcançado se forem efetivadas práticas sociais para tal intento, por isso, o idealizador do manifesto pedia que se fizessem “concursos interestaduais”, que se movimentassem “as livrarias”,

pois são justamente as práticas sociais dentro do campo que conferem autoridade e reconhecimento ao agente, que resulta da acumulação de capital econômico, cultural e social.

Sobre os manifestos convém dizer que é característica do modernismo a publicação desse gênero e também a criação de revistas literárias durante este período, como por exemplo, *Klaxon* (São Paulo, 1922-23), *Estética* (Rio de Janeiro, 1924-25), *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-26), *Terra Roxa e outras terras* (São Paulo, 1926), *Verde* (Cataguases, 1927-28; segunda fase em 1929), *Festa* (Rio de Janeiro, 1927-28; segunda fase 1934-35) e *Revista de Antropofagia* (1928; segunda fase em 1929). No que diz respeito aos manifestos, podem-se citar em 1924, publicação do *Manifesto da poesia pau Brasil*, de Oswald de Andrade; em 1927, *Manifesto do grupo verde de Cataguases*; em 1928, *Manifesto Antropófago*; em 1946, *Manifesto para não ser lido*; em 1959, *Manifesto do Verde-amarelismo, ou da escola da anta ou Nhengaçu Verde Amarelo*; apenas para citar alguns que iniciaram e sustentaram as ideias modernistas ainda incipientes.

No que diz respeito aos manifestos publicados na revista *Belem Nova*, pode-se enfatizar que eles se desenvolvem vinculados à luta, que se configura como a origem e o produto do discurso. Por estarem vinculados a esse espaço de luta, esse cronotopo muitas vezes vêm ao leitor como um campo de batalha que se estabelece no ambiente das letras do Norte do país. De acordo com a seleção vocabular para a delimitação desse espaço e desse tempo tem-se: “arena”, “planuras áridas”, “estrada espinhosa e longa”, “Babel”. Outros vocábulos vêm para ratificar essa configuração de luta, como “reação”, “liberdade”, “revolta”, “renovação”, “bandeira”.

Constroem-se, a partir dessa seleção vocabular, as imagens relacionadas ao triunfo, ao prêmio máximo após a batalha. Essas imagens são apresentadas com o auxílio de outros elementos presentes nos manifestos e, ativados pela memória do leitor, por referência intertextual. Desta forma, os autores utilizam imagens pertencentes também ao cronotopo da luta, para validar a configuração discursiva dos manifestos, como a remissão aos “gregos de Homero”, ou mesmo a imagem de Dom Quixote. Mais ainda, tem-se a referência à “liberdade dos escravos”, aproximando-se da luta dos escravos por liberdade, e mesmo da luta do povo pela “democracia como forma de governo” e a batalha ia ser vencida com a configuração de luta no momento do nascimento, já que assim como a mãe espera e luta, de certa forma, para o filho nascer,

os escritores que desejavam mudanças no fazer literário, iriam finalmente “dar a luz da publicidade livros e mais livros”.

Com isso, a esfera literária, configurada pelo gênero discursivo dos manifestos literários, que compunham a revista *Belem Nova*, conclama os leitores, os reais interlocutores do referido suporte material, a partir do cronotopo da luta, a construir imagens de vencedores num espaço designado como arena ou campo de batalha, no tempo da guerra, pela reconstrução de uma identidade nacional literária. Esse cronotopo é a articulação da obra e das condições de sua produção, que configuram o efeito de sentido pretendido ou mesmo construído no e pelo discurso entre autor e leitor.

E assim, *Belem Nova* ia vencendo a batalha, a luta, rumo ao ideal que era de ganhar mais espaço junto à sociedade local, nutridos que estavam, os pertencentes ao grupo de colaboradores da revista, de uma “suave esperança”. O intercâmbio com autores consagrados de outros Estados serviu para dar maior credibilidade ao trabalho desenvolvido por *Belem Nova*, como prova do valor e da certeza, desses escritores que compunham o quadro da revista, de serem merecedores do capital simbólico a que estavam almejando e, mesmo diante dos percalços, seguiam confiantes na “certeza de vencer”.

A revista *Belem Nova* propiciou possibilidade ao movimento modernista na sociedade local. Sendo assim, a formação do escritor paraense da época compreendia um processo de amplo descobrimento do Modernismo, a partir da configuração que essa revista literária, como órgão de imprensa passou a ter, visto que pode ser vista não apenas como meio de divulgação da nova literatura e crítica, mas também como um canal de contato direto e imediato com o público com o qual mantinha relação.

Quando da extinção da revista *Belem Nova* em março de 1929, os nomes mais relevantes do movimento modernista paraense já haviam construído uma nova identidade enunciativa das letras do Norte, pautada no jogo entre o regional e o nacional, o que encorajou o reencontro de artistas, a partir do grande rebuliço no qual as artes haviam se encontrado desde o início do novo século, no qual *Belem Nova* certamente deixou sua história gravada definitivamente.

Considerações finais

No âmbito dos estudos discursivos do texto literário, vê-se o suporte material como parte integrante de seu efeito de sentido. Relacionando a materialidade aos

conceitos propostos por Raymond Williams, vê-se na importância dada ao suporte material, para a construção da arquitetônica do autor-criador da literatura amazônica, uma das três dimensões apontadas pelo estudioso, a dimensão das “atividades artísticas e intelectuais”, pois a revista *Belém Nova* representou um exercício de literatura para os escritores do Pará da década de 1920, e por que não dizer do Norte e Nordeste do país já que recebeu contribuições dessas duas regiões na feitura de seus textos.

Por delimitação metodológica, optou-se por apresentar a análise apenas dos manifestos literários e editoriais presentes na revista, por eles fazerem parte da configuração discursiva da obra em prosa do escritor Bruno de Menezes, que iniciou sua escrita prosaica na revista literária *Belém Nova*.

Belém Nova desempenhou um papel significativo para os valores literários formulados no coletivo empreendido pelo Grupo dos Novos, o grupo liderado por Bruno de Menezes, que também era o diretor da referida revista. Considerando-se o contexto histórico da revista, ela apareceu alguns anos após a fase que ficou conhecida como pré-modernismo, cuja principal culminância foi *A Semana de Arte Moderna*, ocorrida em São Paulo, que serviu para disseminar as ideias da nova corrente literária que tomou conta dos artistas brasileiros.

A análise dos manifestos constitui-se como base de análise para a construção arquitetônica de Bruno de Menezes, pois os manifestos serviram aos propósitos da revista, e aos propósitos do autor-criador que estavam vinculados ao novo fazer literário da época, que foi construído também sob a égide da luta contra o passadismo, clamando por uma ideia libertária da arte, da literatura, descentralizando o espaço intelectual dos grandes centros brasileiros e valorizando as demais cidades.

Os valores ideológicos e o cronotopo se constroem pelo horizonte social de mudança. Mudança de costumes, mudança de posicionamento literário, do qual Bruno de Menezes foi um porta-voz, aproximando a literatura do povo, convidando o leitor a refletir sobre a temática, e todos a fazerem parte da esfera literária e dos gêneros do discurso por ele utilizados que compreende a sua arquitetônica e conjugam a obra, o autor e o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rômulo de Paula. (2010). “**Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar floresta**”: Getúlio Vargas e a revista “**Cultura Política**” redescobrem a Amazônia (1940-1941). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 5 (2),

453-468. Acessado 02 jun 2021. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222010000200015&Ing=eng&tlng=pt.10.1590/S1981-81222010000200015

AZEVEDO, J. Eustachio de. (Jacques Rolla). **Literatura Paraense**. 3. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN); Secretaria de Estado da Cultura (SECULT), 1990. 198 p. (Lendo o Pará, 7).

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 155p.

BAKHTIN, Mikhail. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira com colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik & Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 11. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BASTOS, Abgvar. **À geração que surge**. Belém Nova. n.5. Belém, 10 de novembro de 1923.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de século, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

COELHO, Marinilce Oliveira. **Memórias literárias de Belém do Pará: o grupo dos novos (1946-1952)**. Campinas/SP, [Tese] — Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade de Campinas, 2003.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo Faria. **A literatura no Brasil: era modernista**. São Paulo: Global, v.5, 2004.

FIGUEIREDO, Aldrin. **Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)**. Campinas/SP, [Tese]. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 2001.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Língua Geral Amazônica: a história de um esquecimento. In: FREIRE, J.R. Bessa; ROSA, M.C. (Org.). **Línguas Gerais**. Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 195-209.

GALVÃO, Francisco. **Manifesto da Belleza**. Belém Nova. n. 2. Belém, 30 de setembro de 1923.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINHO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2005.

MENEZES, Bruno de. **Obras Completas – ficção**. Belém: Secretaria Estadual de Cultura; Conselho Estadual de Cultura, v.3, 1993.

MENEZES, Bruno de. **Para a frente**. Belém Nova. n. 4. Belém, 31 de outubro de 1923.

MENEZES, Bruno de. **Uma reação necessária**. Belém Nova. n. 5. Belém, 10 de novembro de 1923.

NUNES, José Horta. Manifestos modernistas: a identidade nacional no discurso e na língua. In: ORLANDI, Eni P. (org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. São Paulo: Pontes, 2003.

SILVA, Severino. **Portico**. Belém Nova. Belém, n.1, s/p, 15 set. 1923.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura y sociedad**. 1780-1950: de Coleridge a Orwell. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2001.

YAGUELLO, Marina. Não mexe com a minha língua! In: BAGNO, Marcos (Org.). **Norma lingüística**. São Paulo: Loyola, 2001, p. 279-283.

Submetido em: 01/07/2021.

Aprovado em: 07/09/2021.

Como referenciar este artigo:

AQUINO, Ana Cleide Vieira Gomes Guimbal de. Manifeste-se: identidade e literatura na Amazônia. **revista Linguagem**, São Carlos, v.40, Norte em análise: discursividades. 2021, p. 103-128.